

Por uma dose de Oswald na crítica

Castro Rocha e José Castello debatem o legado do autor modernista

Duilo Victor

duilo.victor@oglobo.com.br

No último debate deste ciclo do projeto Prosa nas Livrarias, o crítico e professor de literatura comparada da Uerj João Cezar de Castro Rocha juntou-se ao crítico do GLOBO José Castello para colocar Oswald de Andrade no centro da discussão literária. O escritor modernista foi o homenageado da 9ª edição da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), mas na mesa montada na Livraria da Travessa do Shopping Leblon, as ideias oswaldianas foram prescritas como remédio para a atual crítica literária e artística nacional.

— É a antropofagia para a crítica literária contemporânea. Recuperar o vitalismo da crítica literária é oswaldiano. Vida e obra dificilmente se separam. O que percebo hoje é que quanto mais brilhantes são os críticos, menos livres têm os olhos, menor o horizonte — julga Castro Rocha, que co-organizou o livro de ensaios "Antropofagia hoje? Oswald de Andrade em cena" (editora É Realizações).

Autor não deixou herdeiro

Entre os anos 1960 e 90, segundo o professor da Uerj, as críticas literária e cultural no Brasil se desenvolveram na ideia de literatura empenhada no nacionalismo, de um lado, e no cosmopolitismo, do outro. Dois polos da crítica, segundo Castro Rocha, que não dialogam e que entraram em crise nas duas últimas décadas.

— Nunca discutimos a universalidade de Flaubert, mas

não deixamos de vê-lo como escritor da tradição francesa — resume o crítico.

Para pensar Oswald hoje, Castello propõe que se discuta a ausência de herdeiros seus no espaço cultural brasileiro.

— Faltam figuras com a linguagem intelectual que ele tinha. Expondo-se a ódios, a atritos, como fazia Paulo Leminski e faz Zé Celso. Talvez por isso, ainda hoje a figura de Oswald é maior do que a obra, porque ele não deixou herdeiros, ficou um vazio. Por isso ele é um pouco santificado, como Leminski é santificado em Curitiba — disse Castello, que mora na capital paranaense. — Provavelmente, se Oswald estivesse vivo, estaria apanhando muito, como apanhou em vida.

Na mesa, mediada pelo editor assistente de Prosa & Ver-

so, Miguel Conde, os dois críticos concordavam que, para analisar Oswald, não era possível distinguir a vida da obra. A personalidade forte e ofuscante do valor das próprias publicações do autor do "Manifesto antropofágico" levou-o a um processo de ostracismo no fim da vida — Oswald morreu em 1954 — que, para Castello, talvez encontrasse paralelo com a trajetória final do cineasta Glauber Rocha:

— No fim, Oswald foi esquecido, e já era considerado meio chato, como ocorreu com o Glauber. Hoje, o efeito do mercado deu aos escritores uma pose. Todos ficam defendendo sua imagem na mídia, são discretos.

João Cezar usa artigos escritos recentemente pelo colega de mesa para corroborar

Mônica Imbuzeiro



CASTRO ROCHA

(à esquerda), Miguel Conde e José Castello: a obra de Oswald de Andrade em discussão no Prosa nas Livrarias

que, para se tratar de Oswald de Andrade, uma das soluções para a crítica é adotar o meio do caminho. Nem tanto a glória oswaldiana, vivida nos anos 1960 com o tropicalismo, nem a fase de esquecimento do autor modernista.

— Na emergência, nos anos 1960, de uma cultura popular urbana, o tropicalismo, há um momento de retomada da obra oswaldiana. "Verdade tropical" (livro em que Caetano Veloso descreve sua formação artística) tem um capítulo sobre antropofagia — lembrou Castro Rocha. — Mas Castello publicou dois artigos fundamentais na discussão oswaldiana, propondo evitar a celebração acrítica da obra de Oswald. É fundamental que tenhamos um equilíbrio crítico. ■